Cinema e Filosofia

Por Luciana Zaterka

Bruno Moreira

O cinema, sem dúvida, é uma das linguagens de expressão visual mais significativa da nossa cultura. Grosso modo, a sétima arte pode ser definida como a forma contemporânea da arte: a da imagem sonora em movimento[1]. Em outras palavras, o cinema, uma das principais invenções científico-culturais que atingiu uma evolução tecnológica ímpar, caracteriza-se pelo registro, projeção e ampliação de um conjunto de sons e imagens em movimento.

Neste sentido, é interessante a diferença que enfatiza Marilena Chaui entre a televisão e o cinema: "*A televisão é um meio técnico de comunicação à distância, que empresta do jornalismo a idéia de reportagem e notícia, da literatura, a idéia do folhetim novelesco, do teatro, a idéia de relação com um público presente, e do cinema, os procedimentos com imagens. Do ponto de vista do receptor, o aparelho televisor é um eletrodoméstico, como o liquidificador ou a geladeira. O cinema é a forma contemporânea da arte (...) Nele, a câmera capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada, combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura, pintura, arquitetura, história e, pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente nos sonhos. Como o livro, o cinema tem o poder extraordinário, próprio da obra de arte, de tornar presente o ausente, próximo o distante, distante o próximo, entrecruzando realidade e irrealidade, verdade e fantasia, reflexão e devaneio. Nele, a criatividade do diretor e a expressividade dramática ou cômica do intérprete pode manifestar-se e oferecer-se plenamente ao público, sem distinção étnica, sexual, religiosa ou social.*" [2]

É exatamente esta complexidade que propicia ao cinema ser 'utilizado' tanto para o entretenimento propriamente dito como para uma efetiva troca de idéias e emoções mais aprofundadas. E aqui podemos ainda salientar que o cinema pode proporcionar inúmeras interfaces, dialogando assim com várias expressões artísticas, tais como: o teatro, a dança, a literatura, a poesia, a HQ, a música, a moda, a fotografia e as artes plásticas. Ora, por acreditarmos na **importância da linguagem do cinema como linguagem de formação** é que tal projeto foi elaborado para ser trabalhado com alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio; de fato, o cinema pode ser utilizado tanto para ampliar inúmeros temas e discussões ministrados nas áreas tradicionais, como ampliar horizontes para questões de cunho contemporâneo. Neste sentido, propomos um projeto que de alguma maneira auxilie os nossos estudantes a desenvolver competências para adquirirem um olhar diferenciado para assistir um filme, ou seja, acreditamos que tal linguagem pode formar um cidadão mais crítico, e acima de tudo politizado e consciente tanto com questões 'histórico-documentais' como com questões contemporâneas.

Além destes aspectos, os estudantes que tiverem preferências, por exemplo, pelas ciências naturais, podem, além de examinarem e discutirem os conteúdos das cenas e seus respectivos temas, pesquisarem sobre os efeitos especiais, se for o caso, as fotografias, os efeitos de luz e som, enfim, os diversos elementos técnicos que compõem o filme e que, sem dúvida, poderiam também ser objeto de discussão.

Propomos para o primeiro módulo do 'Projeto Cinema na Sala de Aula' o tema *Cinema e Filosofia*, tendo como mote a questão do real e do virtual, da essência e da aparência. Sugerimos então para o primeiro módulo do Projeto, quatro filmes:

- ***De volta para o futuro*** e a questão do tempo e do espaço;

(*Back to the future*, ficção científica, 116 minutos, EUA, 1985, direção de Robert Zemeckis, com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson, ganhou o Oscar de melhores efeitos sonoros).

- ***Matrix*** e o mito da caverna;

(*The Matrix*, ficção científica, 136 minutos, EUA, 1999, direção de Andy Wachowski e Larry Wachowski, com Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, ganhou quatro Oscars: melhor edição, melhores efeitos sonoros, melhores efeitos especiais e melhor som).

- ***Show de Truman*** e a vida como espetáculo;

(*The Truman Show*, drama, 102 minutos, EUA, 1998, direção Peter Weir, com Jim Carrey, Ed Harris, Laura Linney, recebeu três indicações ao Oscar: melhor diretor, melhor ator coadjuvante e melhor roteiro original);

- ***A rosa púrpura do Cairo*** e a questão da imaginação;

(*The Purple Rose of Cairo*, comédia, 81 minutos, EUA, 1985, direção Woody Allen, com Mia Farrow, Jeff Daniels, Danny Aiello, recebeu uma indicação ao Oscar na categoria melhor roteiro original).

Inicialmente, os alunos assistirão aos filmes e, em seguida, terão um debate conduzido por um professor preferencialmente de filosofia. Paralelamente, poderão preencher uma ficha para auxiliá-los na análise do filme:

SUGESTÃO:

1. Qual o tema do filme? O que os realizadores dele tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique a sua resposta.
2. Você assimilou/aprendeu alguma coisa com este filme? O quê?
3. Algum elemento dele não foi compreendido?
4. Do que você mais gostou neste filme? Por quê?
5. Qual o seu personagem favorito? Por quê?
6. Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?
7. Descreva o uso da cor do filme. Ela enfatiza as emoções que os realizadores tentaram evocar? Como você usaria a cor no filme em questão?
8. Analise o uso da música no filme. Ela conseguiu criar um clima correto para a história? Como você usaria a música neste filme?
9. Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros (ou verossímeis)? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais as seqüências que parecem menos realistas? Por quê?
10. Qual é a síntese da história contada pelo filme? [3]

Depois de assistirem aos filmes o professor poderá propiciar uma pequena discussão com os alunos sobre os principais elementos e temas dos filmes, por exemplo:

- É possível por meio da ciência contemporânea viajarmos no tempo? O que é o tempo? E o que é o espaço? Na hora em que estamos falando o aluno sentado na primeira fila escuta no mesmo instante que o aluno que está sentado na última fila? Por quê? Como a luz das estrelas chega até nós? Nós a vemos em 'tempo real'? O que isso significa? Qual a relação entre ciência e ficção científica?

- A matrix poderia ser comparada a uma caverna? Por quê? Neste momento, o professor poderia ilustrar este filme contando para os alunos o *Mito da Caverna* de Platão (Livro VII da *República*). O que significa estar dentro da caverna? Existe um mundo fora dela para todos? É melhor vivermos dentro da caverna num mundo ilusório tendo prazeres, ou viver fora dela num mundo real, porém doloroso? Quais as conseqüências éticas da sua resposta? Qual a diferença entre realidade e ilusão?

- Como será viver num mundo absolutamente ilusório e controlado? Como nos sentiríamos se descobrirmos que toda nossa vida, nossos amigos e familiares, etc., tudo é um constructo? Ora, por que a sociedade contemporânea tem uma tendência ao voyeurismo que pode, no limite, ser diagnosticada pelos inúmeros espectadores no mundo inteiro dos chamados *reality shows*?

- Qual a diferença entre sonho e vigília? Qual a importância do sonho para a vida humana?

Por fim, o professor poderia propor uma última discussão, tendo como objetivo 'amarrar' as discussões e conversas prévias, perguntando para os alunos quais filmes preferiram e por que. A que gêneros pertencem os filmes assistidos (ficção, romance, comédia, etc.). Os alunos conseguem perceber um tema comum que permeia os quatro filmes? ■

Luciana Zaterka é Professora de Filosofia e Coordenadora do Ensino Fundamental II da Escola Carlitos. Pesquisadora do Grupo de História e Teoria da ciência (UNICAMP), é mestre e doutora em Filosofia, mestre em Química Orgânica, graduada em Filosofia pela FFLCH-USP e graduada em Licenciatura e Bacharelado em Química pela Universidade Mackenzie.
E-mail: zaterka@uol.com.br

[1] Chaui, M., Convite à filosofia, São Paulo, Ática, 1990, p. 333.
[2] Idem.
[3] Napolitano, Marcos, Como usar o cinema em sala de aula, São Paulo, Contexto, p. 84.